

Movimento #EleNãO: A criação do ciberespaço e as revoluções culturais da cultura de compartilhamento¹

Lucas Santos Pinto²

Vinícius Viana Gonçalves Roza³

Márcio Telles da Silveira⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a criação da arquitetura do ciberespaço, a partir da concepção das redes telemáticas no final do século XX. Serão discutidas as novas relações de compartilhamento na sociedade pós-moderna e como a cultura política e o ciberativismo tem encontrado formas de divulgar ideologias e inserir pautas nas discussões sociais além dos ambientes virtuais. Para isso, este artigo propõe estudos iniciais acerca do tema utilizando como exemplo o movimento político #EleNãO.

Palavras-chave: ciberespaço; comunicação; cultura de compartilhamento; internet;

Introdução

Em meio a processos de revoluções sociais, ao longo da história contemporânea foram empreendidas mudanças tecnológicas responsáveis por reconfigurar o meio social pós-moderno e rearranjar os relacionamentos entre os indivíduos inseridos nesse ambiente. Foi construída a chamada cibercultura, que concebeu um universo tecnocultural pautado nas novas estruturas de sociabilidade que emergiam no final do século XX com o nascimento das redes telemáticas.

A Cibercultura, termo apresentado por Pierre Lévy no livro com mesmo nome, caracteriza o relacionamento humano no ciberespaço.

Em linhas gerais, o termo designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Trata-se de um fluxo contínuo de idéias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador — ou algum dispositivo semelhante - a outros computadores. (MARTINO, P. 27)

¹ Exemplo: Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes. E-mail: lucassantospto@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes. E-mail: viniuciusvianagr@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Ufes. E-mail: tellesdasilveira@gmail.com

A partir dessa revolução cultural e tecnológica, os fluxos de informação e comunicação foram alterados para um esquema de interação dinamizado. Os limites geográficos foram reduzidos e a produção de materiais e conteúdos na sociedade foi agilizada com o advento de aparelhos tecnológicos responsáveis por criar redes de compartilhamento entre indivíduos.

Essa nova esfera pública digital não é recortada mais por territórios geográficos (os seus cortes relevantes correspondem antes às línguas, às culturas e aos centros de interesses), mas diretamente mundial. Os valores e os modos de ação trazidos pela nova esfera pública são a abertura, as relações entre pares e a colaboração (LÉVY, 2010)

Com esses novos modelos de interação social foi construído um universo de relações online que afeta todas as camadas sociais do globo. As esferas midiáticas passaram a atender as agendas de interesses desse processo comunicacional. Agora, o mundo não organiza mais a rotação planetária em torno dos modos materiais e energéticos. A sociedade se modela a partir do universo eletrônico e digital, de maneira indiscutível.

Esse conjunto de tecnologias e processo sociais ditam hoje o ritmo das transformações sociais, culturais e políticas nesse início de século XXI. As mudanças são enormes e aconteceram em muito pouco tempo. (LEMOS, 2010)

Os modelos de arquitetura digital que foram construídos ao longo dos anos estabeleceram a solidificação de um ciberespaço cada vez mais complexo. A dominação das relações digitais e o impacto das redes de comunicação é uma realidade no cotidiano da sociedade pós-moderna.

O uso das redes de comunicação da internet e dos telefone celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais on-line e offline, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias que possibilitam a constituição de redes são significativas por fornecer a plataforma para essa prática continuada e que tende a se expandir, evoluindo com a mudança de formato do movimento (CASTELLS, 2013).

A popularização ao acesso a smartphones e o grande número de usuários conectados as redes sociais, por exemplo, permitiu a concepção de bolhas comunicacionais capazes de produzir os próprios conteúdos de compartilhamento. Dessa forma, a grande mídia encontrou concorrentes no processo de repasse de informações, uma vez que a sociedade agora está e permanece online. Todos podem transformar o espaço destinado a um tweet em uma ferramenta de divulgação de discursos.

Redes são fluxos, circulações, movimentos, alianças que nada tem a ver com entidades fixas. Uma rede de atores não é redutível a um único ator nem a uma rede; ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. (MORAES, 2004)

Cultura política, ciberativismo e relações de dependência

Considerando essa nova organização comunicacional é possível pautar duas frentes importantes para discussão. A apropriação desses ambientes virtuais pela cultura política e o uso tático das mídias online por organizações ativistas.

Enquanto meios políticos têm encontrado no ciberespaço uma zona de domínio e propagação de discursos, a mídia alternativa tem utilizado desse mesmo ambiente para emitir vozes livres que não são difundidas nas principais redes telemáticas. O universo da internet e da comunicação online, também criou espaços de combate entre ideologias de interesses opostos e a ausência de controle do grande espaço virtual permite que as lutas pelas reconfigurações e manutenções das culturas que sustentam a sociedade sejam otimizadas.

Entretanto, os impactos dessas redes comunicacionais não são sentidos apenas nas relações sociais online. Atualmente, as discussões ultrapassam esses ambientes e afetam diretamente o comportamento do indivíduo e as pautas de debate na sociedade.

O entendimento das redes nos permite, hoje, devolver ao pensamento a realidade do espaço, sua cidadania real no seio do mundo, afirmando que o assim chamado “espaço real” é apenas um caso do ciberespaço, e que o espaço

virtual é aquele que de fato nós sempre habitamos. (MALINI E ANTOUN, 2013)

O uso de aplicativos, como Uber, iFood ou Netflix, são ótimos exemplos para demonstrar como essa influência da cibercultura tem ditado comportamentos na sociedade. É comum, confiar o trajeto de caminhos desconhecidos ao motorista do aplicativo ou permanecer em casa por um fim de semana apenas para acompanhar a nova temporada da série do momento para integrar as rodas de discussão na sociedade. Mais do que isso, essas relações de controle tem gerado vícios e dependências tecnológicas de indivíduos que têm aprendido cada vez mais a se relacionar apenas no universo virtual. O isolamento social para a popularidade online é uma tendência a se observar com cada vez mais frequência na sociedade pós-moderna.

Outra ferramenta de controle social produzida nos ambientes online são as Fake News. A cultura política encontrou no ciberespaço um público viciado em viralizar conteúdos sem conferir a credibilidade das fontes. Essa falha comunicacional em repercutir mitos ou meias verdades é creditada, principalmente, as relações dinamizadas desse universo. O interesse em ler a matéria dura poucos segundos, uma vez que o usuário dentro do ciberespaço está sendo constantemente bombardeado por novas informações.

A dinâmica e os efeitos da comunicação mediada dependem da cultura, da organização e da tecnologia de sistemas de comunicação específicos. Além disso, a transformações da comunicação pelo advento da comunicação digital, e as correspondentes mudanças na organização e na cultura modificaram profundamente os modos pelos quais as relações de poder operam. (CASTELLS, 2015)

Dessa forma, por meio do compartilhamento de dados de forma desordenada e inconsciente, os usuários são apresentados a produtos virtuais que estão de acordo com os próprios interesses a todos os segundos. A partir dessa ferramenta de direcionamento de discursos, a cultura política e grande empresas de comunicação têm encontrado caminhos para vender ideologias e propagar interesses pessoais.

Contra essa maré de domínio, o ciberativismo tem procurado mobilizar os espaços de discussão nas redes sociais para estimular a leitura virtual crítica. É preciso desconfiar desses espaços online, uma vez que eles oferecem produtos pautados na lógica capitalista e de domínio das minorias sociais.

Movimentos como “Primavera Árabe”, “Me Too” e “Ele Não” são importantes, pois divulgam pautas sociais de grande relevância que não atingem as redes telemáticas tradicionais. Por isso, essas organizações ativistas se tornaram grandes símbolos em uma sociedade cada vez mais refém da própria cultura de compartilhamento estabelecida.

Movimento #EleNão como ferramenta de manutenção da democracia

Durante a campanha para a Presidência da República de 2018, o movimento #EleNão ganhou vida através da união de negros, mulheres, LGBT+’s e outros grupos minoritários. A movimentação política surgiu como uma forma de registrar oposição ao, até então, candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro.

Por meio de postagens, principalmente, no Twitter e Instagram, a campanha revelou a indignação de parte da população brasileira aos posicionamentos de Bolsonaro. O #EleNão criou um espaço de compartilhamento de discursos marginalizados que não ganhavam espaço na mídia tradicional e popularizou produtos negativos ao candidato.

A forma dinâmica em que as interações ocorrem nas redes sociais permitem uma renovação não apenas cultural, mas também política em grande escala. O movimento #EleNão torna explícito como a digitalização da sociedade pode expor visões subestimadas de grupos sociais que não encontram espaço nas mídias tradicionais.

Foi-se o tempo em que tudo se dividia em mídia pública, de um lado, ou seja, comunicação visual, audiovisual e impressa, feita por pequeno grupo de profissionais, e, de outro, mídia pessoal, como cartas e telefonemas, realizada

por cidadão comuns. Hoje, a internet colocou as mídias, no plural, em estado de efervescência e, em quaisquer dos artefatos em que a cultura mediada por computador se corpofica - desktop, laptop, iPad, tablet, iPhone etc. - encontra seu pico nas redes sociais. (SANTAELLA, 2016)

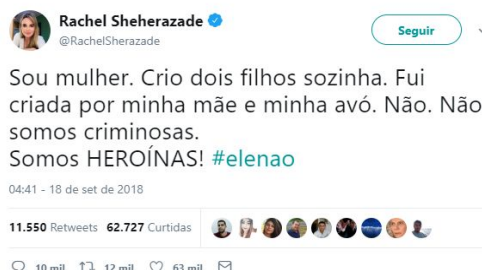
Apesar de ainda não existir uma forma ideal de manter as relações digitais e o universo online ainda manter um envolvimento desconhecido entre os usuários, é importante discutir os movimentos de ciberativismo como mecanismos que promovam a manutenção da democracia em um novo modelo social.

Durante a difusão do movimento #EleNão artistas e personalidades da mídia foram incentivadas a manter um posicionamento perante ao público. A ampliação do ambiente digital permite uma interação ainda mais direta entre os usuários e os influenciadores desse universo.

Segundo Manuel Castells no livro “Redes de Indignação e Esperança”, os movimentos sociais “se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas” (2013, p. 161). Diante da escassez na qualidade de vida e a falta de esperança de que políticas públicas sejam implementadas para resolver os problemas, a população oprimida toma a frente de reivindicações, protestos e buscam novos meios para tentar fazer a diferença e terem suas vozes ouvidas. O autor também cita que, hoje em dia, as mídias sociais nos possibilitam a autocomunicação. A comunicação é feita de forma horizontal e é debatida em rede, do público para o público. Sendo assim, não necessitam mais aguardar que os meios tradicionais de mídia adotem as suas pautas.

Algumas personalidades utilizaram dos perfis pessoais para manifestar oposição ao candidato e apoio ao movimento. As expressões no ambiente online tornam claro a inserção na cultura do compartilhamento e a comunicação com os novos públicos.

Figura 1 - Tweet Rachel Sheherazade



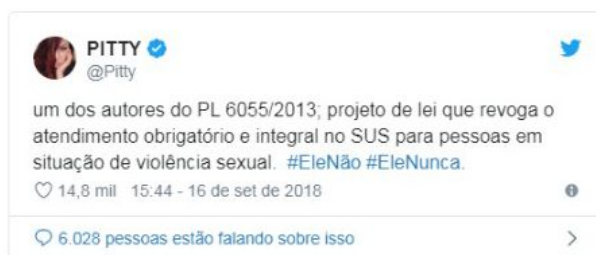
Fonte: Perfil da jornalista no Twitter @RachelSheherazade

Figura 2 - Tweet Deborah Secco



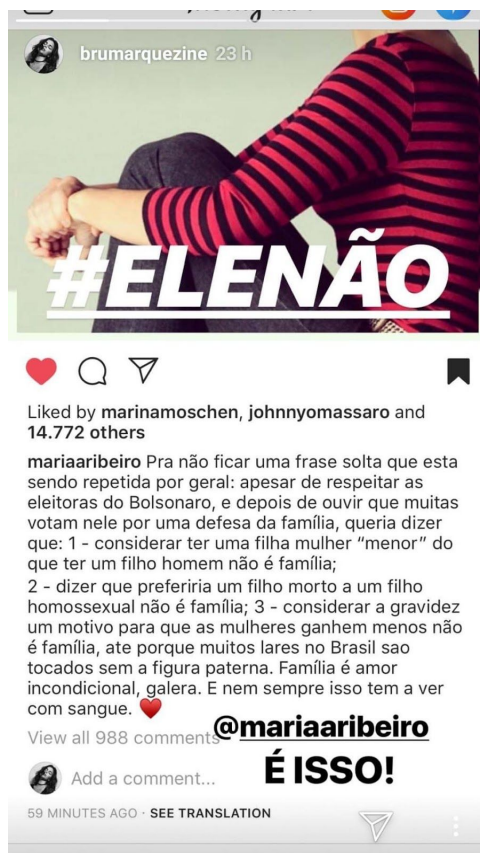
Fonte: Perfil da atriz no Twitter @dedesecco

Figura 3 - Tweet Pitty



Fonte: Perfil da atriz no Twitter @pitty

Figura 4 - Storie no Instagram da atriz Bruna Marqueline



Fonte: Perfil da atriz no Instagram @brumarqueline

Considerações finais

Sendo assim, a complexidade do ciberespaço ganha novas camadas uma vez que influenciam uma falsa autonomia nas redes de compartilhamento, enquanto incentiva a dependência de aparatos tecnológicos que amarram os indivíduos aos discursos direcionados desses universos online.

Até mesmo a democracia e a liberdade de expressão na internet podem ser questionadas, uma vez que os dados pessoais desses usuários se tornaram as moedas mais poderosas na sociedade capitalista e, dessa forma, estão sendo vendidos por

grandes corporações para direcionar o compartilhamento de conteúdos ligados à agenda social dominante.

É necessário ter consciência dessa cultura de compartilhamento e construir uma visão crítica à forma como tem se relacionado com as redes virtuais. A tendência em depender desses ambientes é uma realidade e a ilusória sensação de liberdade que sonda a internet pode construir discursos políticos que agridem direitos e alienam grande parte da sociedade. É preciso compreender como esses mecanismos de compartilhamento se organizam e encontrar formas de construir um cosmos virtual saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, Manuel. O Poder da Comunicação. Editora Paz e Terra, 2015.
- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Zahar, 2017.
- LEMONS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: Lemos, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010. (21-31)
- LÉVY, Pierre. A mutação inacabada da esfera pública. In: Lemos, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010. (p.10-20)
- MALINI, Fábio ; ANTOUN, Henrique. Internet e rua. [S. l.: s. n.], 2013. P. 207.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Acesso em 15 de jun de 2019.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Acesso em 15 de jun de 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A transformação do mundo na sociedade em rede**. In: Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- SANTAELLA, Lúcia. Antonio Negri – a potência emancipatória da multidão. In: Temas e dilemas do pós-digital: a voz política. São Paulo: Paulus, 2016.

Twitter. **@RachelSheherazade**. Disponível em <www.twitter.com/RachelSheherazade>

Twitter. **@dedesecco**. Disponível em <www.twitter.com/dedesecco>

Twitter. **@pitty**. Disponível em <www.twitter.com/pitty>

Instagram. **@brumarquezine**. Disponível em <www.instagram.com/brumarquezine>